

3º Boletim OMT

Feminicídios em 2022



Em continuidade ao diagnóstico sobre a violência letal divulgado no 2º Boletim OMT, esta publicação tem como foco os feminicídios ocorridos em 2022. A fim de apresentar a complexidade do feminicídio, busca-se compreender essa violência em diferentes escalas territoriais: municipal, estadual e nacional.

Para isso, foi realizada uma pesquisa em dados da Organizações das Nações Unidas (ONU) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Para as informações de Teresina, houve a parceria com a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Piauí (SSPPI) no fornecimento de dados dos registros de Boletim de Ocorrência, por meio da Gerência de Análise Criminal e Estatística (GACE).

Nos gráficos, ressaltam-se os feminicídios ocorridos em Teresina, discutindo-os com o cenário piauiense e nacional. Ao final do boletim, apresentam-se dois quadros comparativos entre cada território, destacando aspectos que predominaram no que diz respeito ao perfil das mulheres e ao contexto do feminicídio.

Além disso, de modo a complementar e compreender mais sobre o contexto dos feminicídios ocorridos em Teresina, foi realizada uma pesquisa documental em reportagens veiculadas na internet. Essa pesquisa contribuiu

para o conhecimento de alguns aspectos, como a existência de filhos(as), o tempo de duração do relacionamento afetivo com o autor da violência, a Rede de apoio no enfrentamento à violência, e a presença de histórico de violência doméstica e familiar, ameaças, perseguição (*stalking*) ou tentativas de feminicídio.

Fontes consultadas:

- Organizações das Nações Unidas: dados mundiais;
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública: dados do Brasil e do Piauí;
- Gerência de Análise Criminal e Estatística, vinculado à Segurança Pública do Estado do Piauí: dados de Teresina e do Piauí;
- Notícias online dos feminicídios de Teresina.

O que é Feminicídio?

Crime tipificado pela Lei nº 13.104/2015 como homicídio contra mulheres por razões da condição de sexo feminino. O feminicídio é um resultado brutal da misoginia e sexismo, expressado no menosprezo, discriminações de gênero e principalmente na violência doméstica e familiar.

PROBLEMÁTICA MUNDIAL

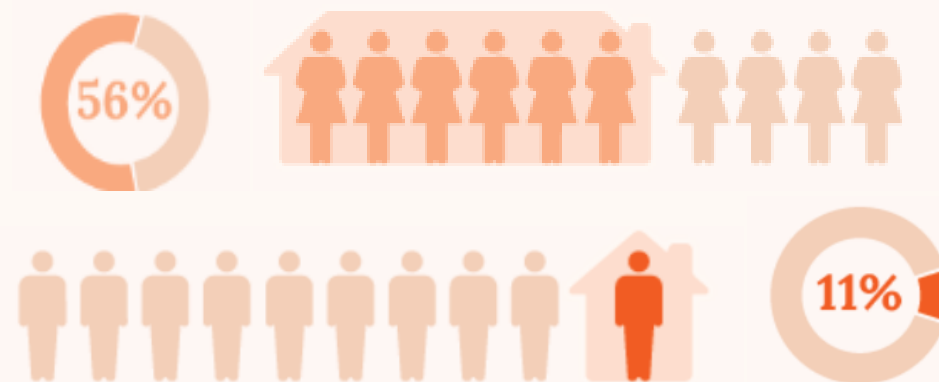
A ONU Mulheres realizou uma pesquisa sobre a estimativa global dos feminicídios ocorridos em 2021. Neste documento, apresentam o desafio de se conhecer o feminicídio em escala global devido à persistência de algumas lacunas, como a escassez de dados nos casos ocorridos em áreas públicas. Com isso, o levantamento mundial do estudo foi baseado nos feminicídios ocorridos nas residências e praticados pelo parceiro íntimo ou familiares. Ademais, destacam que cerca de 4 em cada 10 homicídios de mulheres não possuem informações suficientes para que possam ser relacionados à violência de gênero, limitando sua identificação e quantificação (ONUWOMEN, 2022).

Segundo a pesquisa, a maioria dos assassinatos de meninas e mulheres tem na sua motivação a relação com o gênero. Em 2021, cerca de **45.000** mulheres e meninas foram mortas pelos parceiros íntimos ou outros membros da família, uma média de **mais de cinco mulheres ou meninas a cada hora** (ONUWOMEN, 2022).

Embora a maioria dos homicídios seja cometida contra o gênero masculino (81%), **as mulheres e meninas são as mais afetadas pela violência letal no âmbito doméstico e familiar**. Aproximadamente **56%** de todos os homicídios de mulheres são cometidos por parceiros íntimos ou outros membros da família, enquanto apenas 11% dos homicídios masculinos são perpetrados na esfera privada (gráfico 1) (ONUWOMEN, 2022).

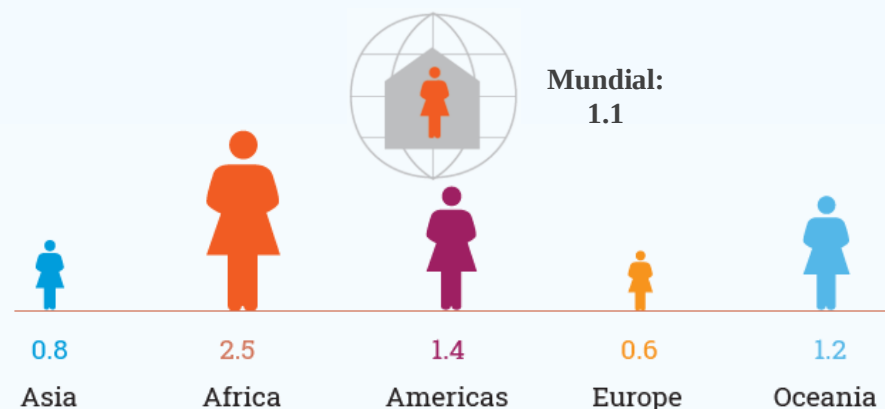
Em relação à taxa por 100 mil mulheres, a África e as Américas são as regiões com o maior índice de violência em relação ao tamanho da sua população feminina (ONUWOMEN, 2022), com uma média superior à mundial (gráfico 2).

Gráfico 1: Proporção de homicídios que ocorreram em residência e praticado por parceiro íntimo ou outros familiares segundo o sexo de quem foi assassinato, 2021.



ONUWOMEN, 2022.

Gráfico 2: Taxa de feminicídio por 100 mil mulheres, 2021.



ONUWOMEN, 2022.

O maior risco de morte à meninas e mulheres se relaciona à casa e à pessoas próximas (parceiro ou familiares).

ONUWOMEN, 2022.

Feminicídios

2021

MUNDO



**Mais de 5 mulheres e meninas
são assassinadas a cada hora
por alguém de sua própria
família**

ONUWOMEN, 2022

2022

BRASIL



**1 mulher foi
assassinada
a cada 6 horas**

**Aproximadamente
4 feminicídios
por dia**

PIAUÍ



**1 mulher foi
assassinada
a cada 15 dias**

**Aproximadamente
2 feminicídios
por mês**

TERESINA



**1 mulher foi
assassinada
a cada 73 dias**

**Aproximadamente
1 feminicídio a cada
2 meses e meio**

Elaboração própria, a partir de dados do FBSP (2023a) e da GACE-SSPPI.

Brasil: aumento das violências contra mulheres, incluindo os feminicídios

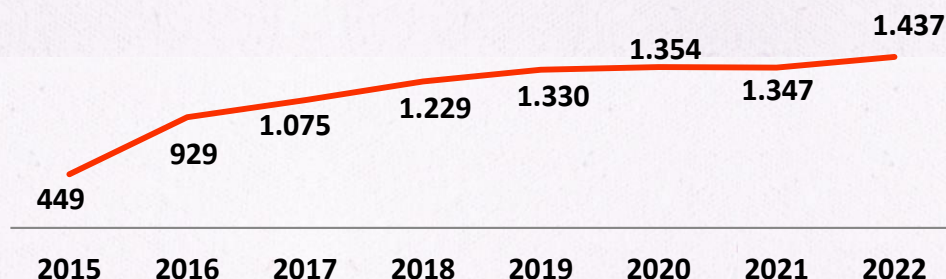
Em 2022, houve um aumento em todas as violências contra mulheres no Brasil. Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023a), desde o início de sua tipificação em 2015, tem-se um aumento dos casos de feminicídio (gráfico 1). Apenas em 2021 houve uma pequena diminuição (1.347). O ano de **2022 foi aquele com maior registro de assassinatos de mulheres por serem mulheres. Nesse ano, ocorreram 1.437 feminicídios**, representando um aumento de 6,1% em relação à 2021 (1.347). A região Centro-oeste foi aquela com a maior taxa de feminicídios, 2 casos para 100mil habitantes, superior à média brasileira (1,4). O Nordeste teve a mesma taxa que a média nacional, ocupando o 4º lugar por região.

Também foi elevado o **crescimento dos casos de tentativas de feminicídio**, indo de 2.181 registros em 2021 para 2.563 em 2022, representando um aumento de 16,9% e com uma taxa de aproximadamente 3 casos a cada 100 mil mulheres.

Hipóteses para o aumento de todas as violências (FBSP, 2023a)

1. Desfinanciamento da política nacional, ocorrendo a menor alocação orçamentária em uma década para as políticas de enfrentamento à violência contra a mulher;
2. Impacto da pandemia de COVID-19 nos serviços de acolhimento e proteção às mulheres (restrições aos horários de funcionamento, redução das equipes de atendimento ou interrupção de serviços);
3. Crescimento da misoginia, crimes de ódio contra mulheres e ascensão de movimentos ultraconservadores;
4. Aumento da violência como uma reação à mudança no rompimento dos padrões sociais impostos às mulheres.

Gráfico 3 – Série histórica de feminicídios no Brasil, 2015-2022.



FBSP, 2023a.

Tabela 1 – Feminicídio e tentativas de feminicídio, Brasil.

Tipo/ Ano	Nº Absoluto		Taxa		Variação (%)
	2021	2022	2021	2022	
Feminicídio	1.347	1.437	1,3	1,4	6,1
Tentativas	2.181	2.563	2,8	3,2	16,9

FBSP, 2023a.

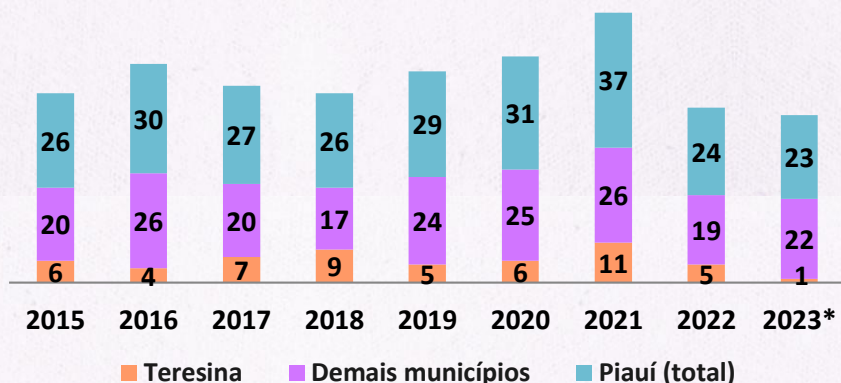
Piauí e Teresina: diminuição dos feminicídios

Na série histórica, enquanto no cenário nacional ocorreu um aumento dos feminicídios (gráfico 3), na realidade piauiense houve uma **redução** (gráfico 4). **Em todo o Piauí, o ano com mais feminicídios foi em 2021**, com 37 casos, dos quais 30% ocorreram na capital (11 casos) e 70% nos demais municípios, com 26 casos (gráfico 5). No ano seguinte, o estado apresentou uma redução de 35,5%, com 24 registros. **Entre os anos de 2021 e 2022, a taxa de feminicídios no Piauí foi de 2,2 para 1,4, a mesma taxa da média nacional e do Nordeste (FBSP, 2023a).**

No ano de **2022**, também houve uma **diminuição dos feminicídios em Teresina**, indo de 11 casos para 5. Em 2021, a taxa de feminicídio na capital foi de 2,34, indo para 1,08 em 2022, apresentando uma **diminuição de 53,9%**. Ao se considerar a proporção entre Teresina e demais municípios do Piauí (gráfico 5), em 2022, a cada 10 feminicídios ocorridos, aproximadamente 2 foram na capital e 8 nos demais municípios. Contudo, nesse ano, Teresina foi a cidade piauiense com mais casos de feminicídio (5), seguida de Parnaíba (3).

Dados de até setembro de 2023 também demonstram uma redução no estado. Porém, há uma aproximação com os números registrados em 2022. Nesses meses, enquanto em Teresina ocorreram 4% dos casos de feminicídios no Piauí (1 registro), os demais municípios contam com 96% (22 casos). **Ao longo de 8 anos (2015-2022), o Piauí teve uma média anual de 29 feminicídios**, com uma média de 7 para Teresina e 22 para os demais municípios, sendo fundamental o fortalecimento de ações de prevenção e proteção às mulheres em todo o estado, principalmente nos municípios que seguem com aumento.

Gráfico 4 – Série histórica de feminicídios no Piauí segundo a abrangência territorial, Piauí, 2015-2023*.



*2023 até o mês de setembro.

Autoria própria, baseado em dados do Painel de estatísticas da SSP-PI.

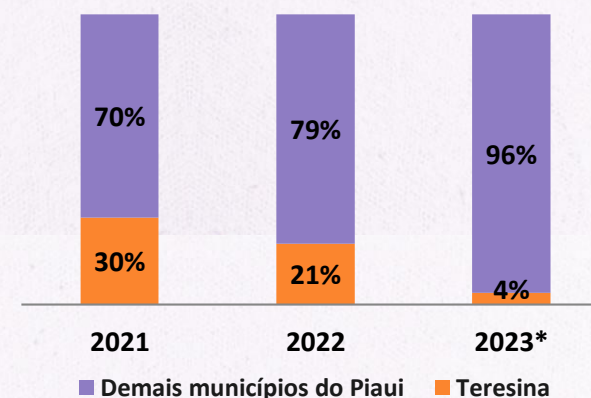
Feminicídio 2022

Piauí: redução de 35,5%.

Teresina: redução de 53,9%.

A cada 10 feminicídios ocorridos no Piauí, aproximadamente 2 foram em Teresina e 8 nos demais municípios.

Gráfico 5 – Proporção dos feminicídios segundo a abrangência territorial, Piauí, 2021-2023*.



* 2023 até o mês de setembro.

Autoria própria, baseado em dados do Painel de estatísticas da SSP-PI.

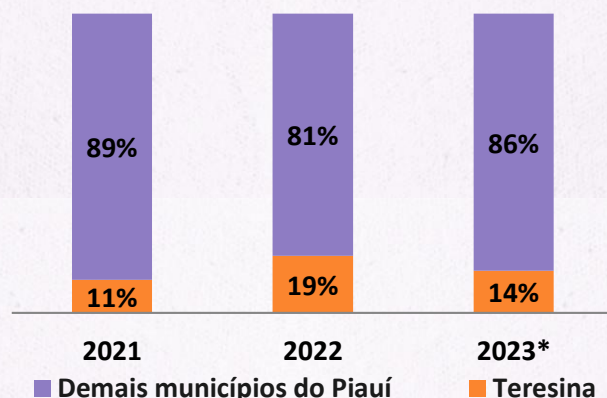
Sinal de alerta: Aumento das tentativas de feminicídio

No Piauí, enquanto os feminicídios diminuíram, houve um aumento nas tentativas. Em 2021, foram 79 casos, indo para 98 tentativas no ano seguinte, um **aumento de 23,4%**. Além disso, ressalta-se que a taxa do Piauí foi superior à média nacional. Em 2022, a taxa nacional de tentativas de feminicídio foi de 3,2. Contudo, a taxa estadual foi de 5,8 por 100 mil habitantes (FBSP, 2023a). Isso representa um sinal de alerta para o aumento do risco à vida de mulheres que estão em situação de violência, sendo fundamental o incremento em estratégias de prevenção e proteção.

Ao analisar as tentativas ocorridas no Piauí, o ano de 2022 indicou um cenário diferente daquele apresentado nos casos de feminicídios. Nesse ano, houve uma proporção menor de feminicídios na capital (gráfico 5), porém ocorreu um aumento das tentativas de feminicídios em relação aos demais municípios (gráfico 6). **Em 2021, 11% dos registros estaduais foram de tentativas ocorridas em Teresina (9 casos). Em 2022, esse número foi para 19% (19 casos),** voltando a diminuir em 2023. De janeiro a setembro de 2023, ocorreram 51 tentativas no Piauí, sendo 7 casos em Teresina (14%) e 44 casos nos demais municípios (86%).

Em Teresina, de 2018 a 2023, o número de tentativas apresenta-se frequentemente maior do que os feminicídios consumados, ocorrendo uma mudança neste cenário apenas no ano de 2021. Considerando a razão entre feminicídios tentados e consumados, em 2022, a cada feminicídio consumado, aproximadamente 4 mulheres registraram uma ocorrência de tentativa de feminicídio.

Gráfico 6 – Proporção das tentativas de feminicídio segundo a abrangência territorial, Piauí, 2021-2023*.

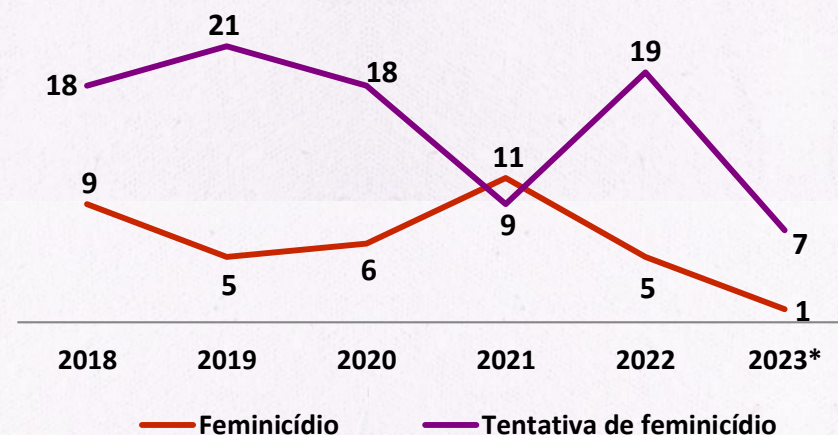


Tentativas 2022

Piauí: Aumento de 23,4%.

Teresina: a cada feminicídio consumado, aproximadamente 4 mulheres registraram uma ocorrência de tentativa

Gráfico 7 - Série histórica de feminicídios e tentativas, Teresina, 2018-2023*.



*2023 até o mês de setembro. Autoria própria, baseado em dados do FBSP (2023a) e da GACE-SSPPI.

*2023 até o mês de setembro. Autoria própria, com dados da GACE-SSPPI.

Teresina 2022: perfil das mulheres (cis e transgênero)

Em 2022, ocorreram 05 feminicídios em Teresina, **todos** praticados contra **mulheres pardas**. Em relação à faixa etária, 1 era jovem (27 anos) e **4 adultas**, tendo 2 mulheres entre 40 a 49 anos de idade (gráfico 8). Observando o gráfico 9, 80% dos feminicídios foram contra **mulheres cisgênero**, ocorrendo 1 **transfeminicídio** contra travesti de 48 anos de idade, cabeleireira, cuja assassinato foi praticado pelo companheiro.

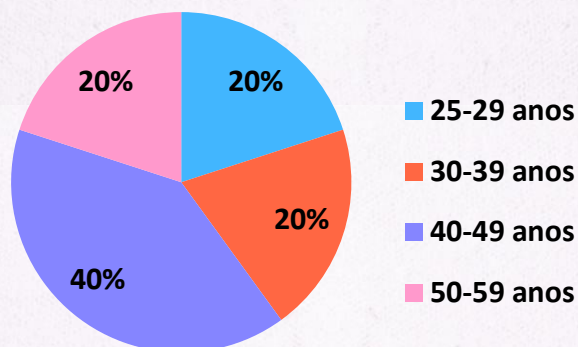
Ao se observar o cenário nacional e estadual, quando se parte do território macro para o micro, tem-se um aumento considerável na proporção de mulheres negras (pardas e pretas), ressaltando a questão racial presente nessa violência de gênero. Enquanto no cenário nacional as mulheres negras representaram 62,20%, no Piauí o número foi para 95,20% e em Teresina, 100% dos casos de feminicídio (gráfico 10).

A compreensão dos (trans)feminicídios, desde a sua identificação como tal até a execução de ações preventivas e protetivas, deve refletir sobre as definições de “mulher” e “condição de sexo feminino”. É fundamental compreendê-lo de maneira interseccional, uma vez que a realidade expressa nos registros demonstram o enraizamento do racismo e sexismo no Brasil, no qual as violências são perpetradas principalmente contra corporalidades racializadas e femininas.

Construção de alianças contra as violências

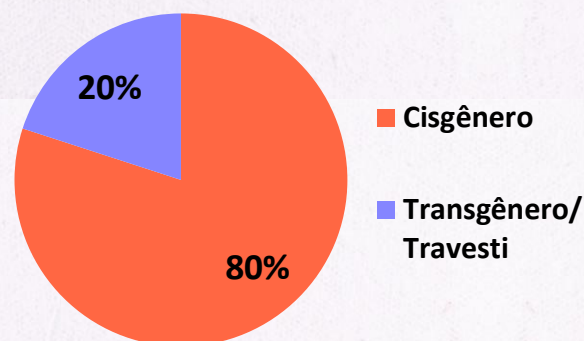
*“[...] o conceito do feminicídio, originalmente pensado para punir crimes de ódio e desprezo contra identidades femininas de mulheres cisgêneras. Entretanto, cada vez mais, o **feminicídio passa por um alargamento conceitual** de modo a garantir que mulheres transexuais e travestis também estejam amparadas juridicamente por este dispositivo. **Travestis, mulheres cisgêneras e transexuais compartilham uma vulnerabilidade social** por performarem identidades de gênero femininas em suas realidades sociais diárias.”*
Letícia Nascimento, 2021, p. 167.

Gráfico 8 - Proporção dos feminicídios segundo a faixa etária das mulheres, Teresina, 2022.



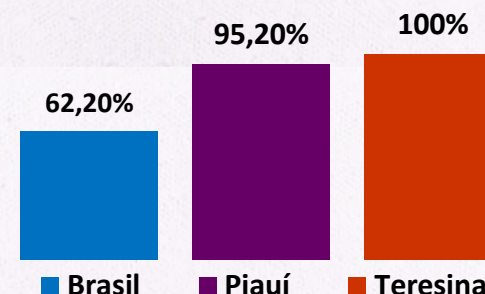
Autoria própria, a partir de dados da GACE-SSPPI.

Gráfico 9 – Proporção dos feminicídios segundo a identidade de gênero, Teresina, 2022.



Autoria própria, a partir de dados da GACE-SSPPI.

Gráfico 10 - Proporção dos feminicídios contra mulheres negras segundo a abrangência territorial, Brasil, 2022.



Autoria própria, baseado nos dados da GACE-SSPPI e do Painel Violência contra mulher do FBSP.

Teresina 2022: perfil das mulheres (cis e transgênero)

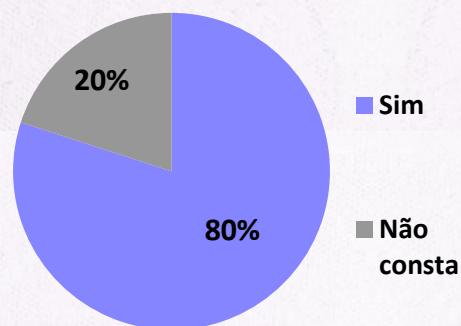
Em relação à maternidade, **4 mulheres possuíam filhos(as) (80%)**, no caso do transfeminicídio não constava tal informação (20%) (gráfico 11). Ressalta-se a importância das legislações de apoio às famílias, tais como a Lei 14.717/2023, que instituiu a pensão especial aos filhos e dependentes crianças ou adolescentes que ficaram órfãos em decorrência do feminicídio.

A maioria realizava algum tipo de **ocupação** remunerada (80%), 2 como autônomas, 1 empregada doméstica e 1 cabeleireira, ocupações por vezes associadas à baixa remuneração, informalidade, instabilidade empregatícia e de renda, e a trabalhos socialmente pouco valorizados.

Os autores da violência eram todos homens que estavam ou tiveram relacionamento com as mulheres, constituindo-se em **feminicídios íntimos**. Em 60% dos casos já havia o rompido do relacionamento afetivo, 2 cujo tempo de separação era entre de 5 e mais de 10 anos, e 1 cujo término foi de dias antes do feminicídio. Nos demais casos, 2 eram companheiros no momento do feminicídio (40%). **Enquanto no Brasil e no Piauí, em 2022, predominou o vínculo de companheiro, em Teresina, a maioria já havia rompido a relação afetiva** (gráfico 12). Em 2021, nos casos de Teresina, a maioria era companheiro das mulheres, demonstrando a particularidade do ano de 2022 e a importância do suporte da Rede especializada às mulheres anterior ao rompimento afetivo.

Número de filhos: 1, 2 e 5

Gráfico 11 - Proporção dos feminicídios segundo a existência de filhos(as), Teresina, 2022.



Autoria própria, com base em pesquisa documental em jornais digitais.

Ocupação:

80% realizam algum trabalho remunerado

Tabela 2 - Número e proporção segundo a ocupação, Teresina, 2022.

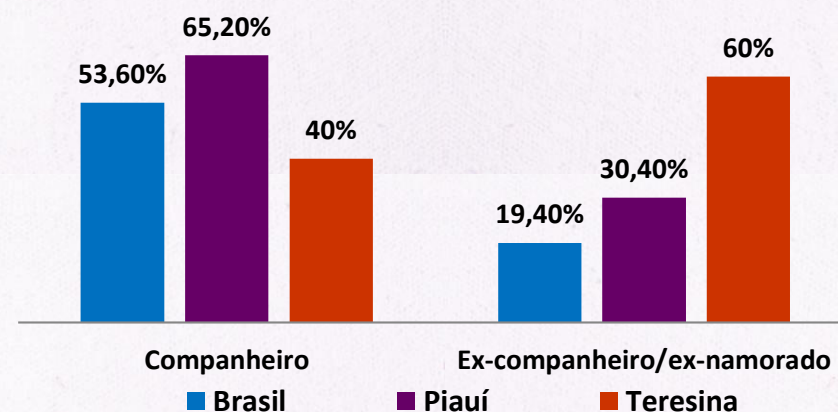
Ocupação	N	%
Autônoma	2	40%
Empregada doméstica	1	20%
Cabeleireira	1	20%
Dona de casa*	1	20%
Total	5	1

Autoria própria, com base nos dados da GACE-SSPPI e em pesquisa documental em jornais digitais (registro com *).

Vínculo entre mulheres e autores, Teresina:

Ex-companheiro: 2 Ex-namorado: 1 Companheiro: 2

Gráfico 12 - Proporção dos feminicídios segundo o vínculo e abrangência territorial, Brasil, 2022.



Autoria própria, baseado nos dados da GACE-SSPPI e do Painel Violência contra mulher do FBSP.

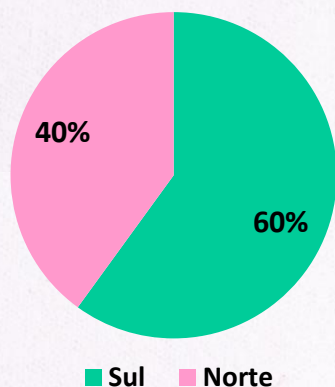
Teresina 2022: características dos (trans)feminicídios íntimos

Em 2022, as mulheres assassinadas por feminicídio residiam nas **zonas Sul (60%) e Norte (40%)** de Teresina (gráfico 13). Mesmo ocorrendo feminicídios fora de suas casas, os bairros das ocorrências ficavam localizados na mesma zona que a residência. Esse dado se assemelha com o apresentado no 2º boletim, no qual a maioria dos registros concentrou-se na zona Norte (8) e Sul (4), alternando apenas aquela com maior prevalência. Além disso, uma das mulheres morava na zona rural da região Sul, na localidade Cerâmica Cil.

60% dos feminicídios ocorreram no **primeiro semestre** (2 em janeiro e 1 em março) e 40% no segundo período do ano (1 em novembro e 1 em dezembro). **A maioria foi praticada durante os dias úteis da semana (gráfico 14) e em períodos diurnos (gráfico 15).** Em relação aos feminicídios que foram praticados durante os dias úteis da semana, 2 foram pela manhã (terça às 07:00h e quarta às 09:30h) e 1 à noite (sexta às 20:00h). Já no final de semana, um foi praticado no sábado às 23:46h e o outro no domingo às 06:30h. Destaca-se que o transfeminicídio foi praticado um por homem que era seu companheiro, na residência, em uma sexta à noite, após discussão ouvida por vizinhos e se utilizando de espancamento para cometer o assassinato.

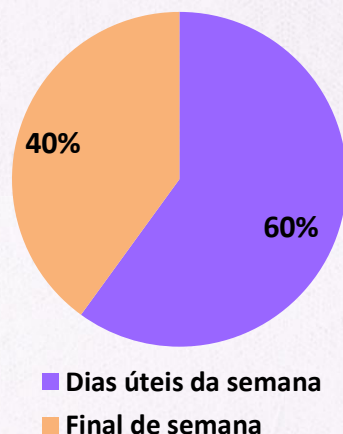
Houve o registro de **3 feminicídios ocorridos em residência e 2 em via pública**. O local do feminicídio se assemelha ao cenário estadual, nacional (gráfico 16) e também mundial (gráfico 1), destacando que o maior risco de morte à mulheres está relacionado ao âmbito doméstico e familiar.

Gráfico 13 – Proporção dos feminicídios segundo a zona da residência das mulheres e da ocorrência, Teresina, 2022.



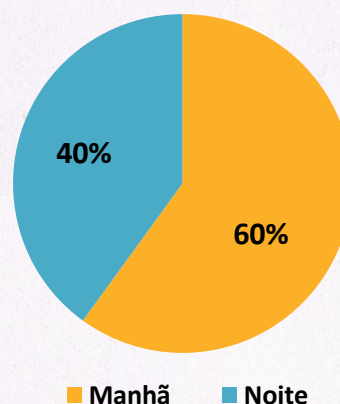
Autoria própria, a partir de dados da GACE-SSPPI.

Gráfico 14 - Proporção dos feminicídios segundo o período da semana, Teresina, 2022.



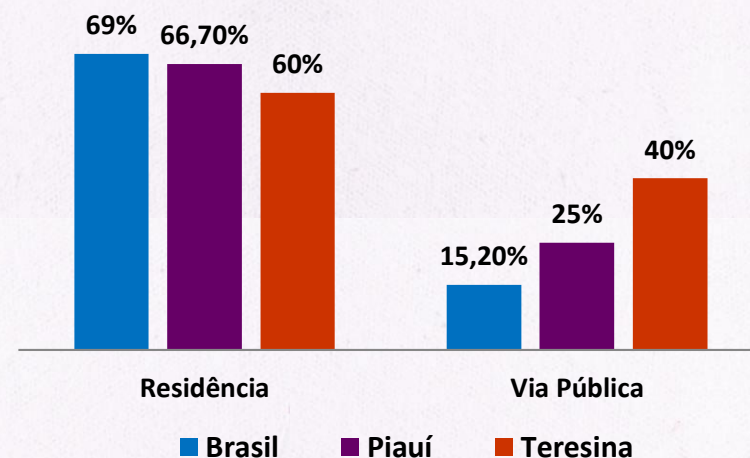
Autoria própria, a partir de dados da GACE-SSPPI.

Gráfico 15 - Proporção dos feminicídios segundo o turno da ocorrência, Teresina, 2022.



Autoria própria, a partir de dados da GACE-SSPPI.

Gráfico 16 - Proporção dos feminicídios segundo o tipo de local e a abrangência territorial, Brasil, 2022.



Autoria própria, baseado nos dados da GACE-SSPPI e do Painel Violência contra mulher do FBSP.

Teresina 2022: características dos (trans)feminicídios íntimos

Em relação ao tipo de instrumento utilizado no feminicídio em Teresina, em 40% dos casos foi utilizado arma de fogo ou algum tipo de agressão. Isso difere do cenário nacional e estadual, aonde predominou o uso de armas brancas em quase metade dos registros, sendo 49,9% dos casos no Brasil e 50% dos casos no Piauí. Ressalta-se a diferença no que se refere à agressão, enquanto no Brasil e no Piauí os feminicídios por este instrumento foi de 10,4% a 8,3%, respectivamente, em Teresina o número foi de 40% (gráfico 17).

Quando se analisa o meio utilizado na realização do feminicídio e o tipo de vínculo entre as mulheres e os autores do feminicídio, observa-se que os homens que eram ex-companheiro ou ex-namorado utilizaram algum artefato como intermediador da violência (gráfico 18), enquanto aqueles que se encontravam como parceiros e residiam com as mulheres recorreram à força física (gráfico 19). Entre os ex-companheiro e ex-namorado, 2 deles usaram arma de fogo (67%) e 1 arma branca (33%). Já em relação àqueles que eram companheiros no momento do feminicídio, o fizeram por meio de agressão, 1 com espancamento e 1 com estrangulamento. Isso demonstra que o tipo de relacionamento entre as mulheres e os homens tem relação com o tipo de instrumento utilizado bem como com outros aspectos da violência letal, sendo importante a identificação e análise da relação de vínculo para a execução de estratégias de suporte e proteção, de médio e longo prazo.

Gráfico 17 - Proporção dos feminicídios segundo o instrumento utilizado e abrangência territorial, Brasil, 2022.

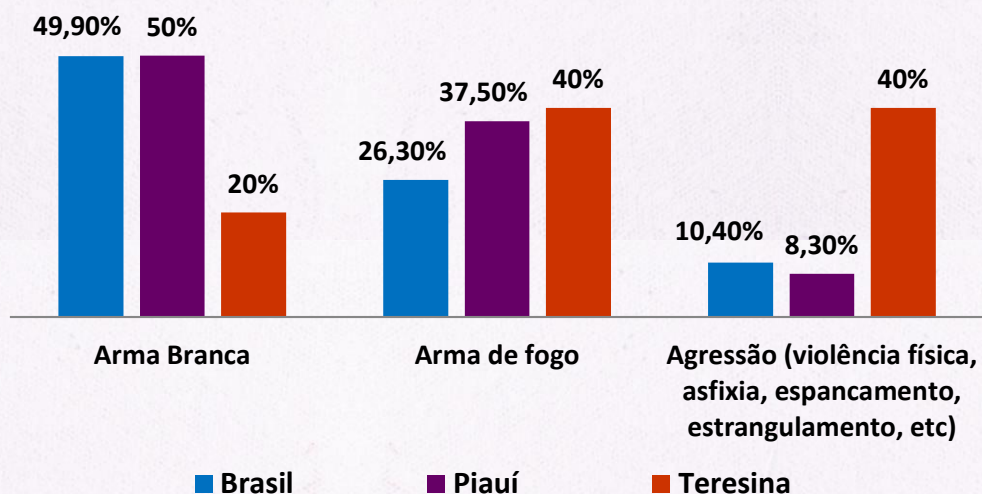


Gráfico 18 – Feminicídios praticados por ex-companheiro/ex-namorado segundo o instrumento utilizado, Teresina, 2022.

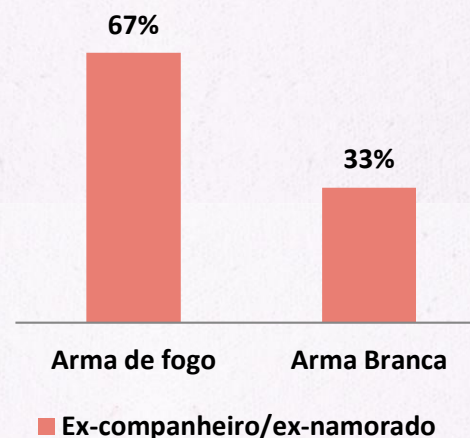
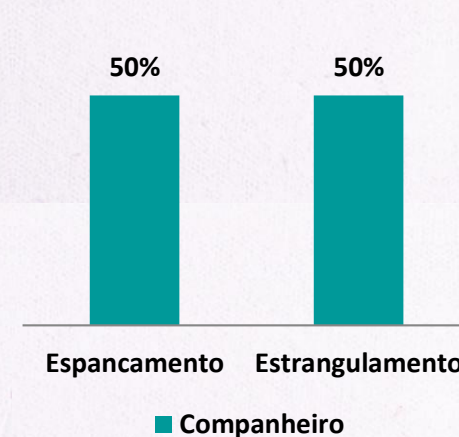


Gráfico 19 - Feminicídios praticados por companheiro segundo o instrumento utilizado, Teresina, 2022.



Teresina 2022: características dos (trans)feminicídios íntimos

Considerando os dados fornecidos pela GACE-SSPPI e a pesquisa documental de notícias veiculadas nos meios de comunicação digitais, produziu-se a figura 1 a fim de ilustrar aspectos gerais dos feminicídios contra mulheres cisgêneras e do transfeminicídio, tendo como base a relação entre as identidades femininas e os autores da violência.

Em todos os casos foi relatado sobre a presença de **histórico de violência doméstica e familiar**, estando o ápice da violência que culminou no feminicídio relacionado à tensionamentos e divergências entre a atitude dos homens e a decisão feminina. Nos casos ocorridos nas residências e **cometidos pelos companheiros**, ocorreram discussões e brigas, que acabaram resultando nas agressões letais, incluindo-se aqui o transfeminicídio.

Nos casos em que ocorreu o **rompimento da relação afetiva**, independente do tempo de término, as mulheres continuaram sofrendo com a manutenção de violências. No feminicídio com o término mais recente (cerca de 2 a 4 dias), antes do assassinato houve ameaça com o uso de arma de fogo e tentativa de feminicídio por conta do ex-namorado não aceitar o fim do relacionamento e discordar de postagens em redes sociais realizadas pela ex-namorada, mantendo atitudes controladoras sobre a vida da mesma. Em outro caso, um ex-companheiro não aceitava o término, que havia ocorrido há cerca de 5 anos. Outro ex-companheiro, com mais de 15 anos do término e que no período do feminicídio se encontrava em outra relação conjugal, não concordava com processos legais para direitos da ex-mulher e da família relativos ao pagamento de pensão e de danos ocasionados pela violência doméstica e familiar. Nesses dois últimos casos, ao longo dos anos de término, houve a continuação da violência na forma de ameaças, perseguição (*stalking*), violência psicológica e/ou tentativas de feminicídio. Isso demonstra que a violência nem sempre cessa quando se rompe o vínculo afetivo, principalmente nas situações de histórico de violência doméstica e familiar. Esse momento representa um maior risco à vida das mulheres e necessita de maior suporte institucional pelos serviços especializados.

“É possível afirmar que o momento em que a mulher busca romper a relação de violência, configura-se como um dos momentos de maior perigo para a sua integridade física, bem como para sua própria vida. Este momento por vezes estende-se por anos”.

Rosana Morgado, 2020, p. 45.

É fundamental a ampliação do conhecimento e da busca pela Rede de atendimento especializado à violência contra mulheres. Alguns familiares tentaram registrar boletim de ocorrência, em delegacias não especializadas em violência contra a mulher, mas mencionaram não conseguir fazê-lo. Em levantamento realizado pelo Centro de Referência Esperança Garcia (CREG), nenhuma dessas mulheres estavam em acompanhamento especializado pelo serviço. Em relação à existência de registro de boletim de ocorrência realizado anteriormente pelas mulheres, segundo a GACE-SSPPI, apenas 1 mulher havia denúncia de violência doméstica e familiar contra o autor do feminicídio, possuindo também Medida Protetiva de Urgência.

Estudos nacionais apontam que **é pequena a parcela das mulheres que, ao sofrerem violência, buscam os serviços especializados**. Segundo a pesquisa “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, diante de um episódio mais grave de violência, apenas 22,1% procurou algum serviço da Rede de atendimento especializado em violência. 45% das mulheres entrevistadas não conseguiram ter uma reação e 32,9% procuraram apoio em familiares ou em amigos (FBSP, 2023b). Nesse sentido, é importante buscar estratégias para que as mulheres em situação de violência acessem mais a rede especializada.

Teresina 2022: características dos (trans)feminicídios íntimos

Considerando a importância de familiares e demais pessoas próximas às mulheres para o seu apoio no enfrentamento da violência, é fundamental a realização contínua de momentos educativos de desconstrução do machismo e de compreensão do risco à vida ocasionado pela violência. De acordo com as reportagens, alguns familiares, vizinhos e amigos das mulheres assassinadas chegaram a ter o conhecimento das violências e ameaças. Por vezes, pode ocorrer a minimização ou naturalização dos episódios de violência. Contudo, uma briga ou ameaça que parece ser “rotineira”, pode acabar se tornando a última e terminar em morte.

Chamou atenção que nas notícias veiculadas sobre os feminicídios, houve uma maior mobilização de notícias e de pessoas, entrevistas com familiares e com o acompanhamento dos julgamentos, nos casos praticados contra as mulheres cisgêneras. Já no transfeminicídio, houve poucos enunciados e a menção apenas ao envolvimento de vizinhos, que foram na residência pela manhã após uma noite de brigas e se depararam com o crime. Isso levou à reflexão sobre quem se enluta e continua a luta contra transfeminicídios, seja em seus aspectos processuais, seja na sua prevenção e discussão enquanto problemática social.

Os (trans)feminicídios e outras violências de gênero são marcados pelo não respeito à autonomia e dignidade de existir de identidades femininas. A escolha por se opor ao cis-tema de dominação masculina vem a cada ano tirando a vida de várias mulheres, cisgêneras, transexuais e travestis, seja por conta de decidirem pelo término do relacionamento, por expor a sua opinião de oposição em uma discussão, seja por dizer “não” ou apenas por sua identidade social. A tomada de decisão ativa por vozes femininas incomoda o patriarcado. É fundamental construir uma cultura sem misoginia e sexismo para que não ocorram mais esses assassinatos, sendo mortes evitáveis quando se tem mudanças sociais e fortalecimento de estratégias de prevenção e proteção contra a violência de gênero.

Fatores de risco ao feminicídio íntimo*:

- Histórico de violências no relacionamento atual;
- Histórico de violência praticada pelo parceiro em relacionamento(s) anterior(es);
 - Estar em situação de violência sem o suporte institucional dos serviços especializados;
 - Minimização das violências e do risco à vida;
 - Uso ou ameaça de uso de arma (branca ou de fogo);
- Atitude controladora das ações das mulheres;
 - Ciúmes excessivos;
 - Ameaça de morte;
- Parceiro não aceitar o término da relação;
 - Perseguição/*stalking*;
 - Tentativa de feminicídio.

* Elaboração própria a partir dos casos de Teresina e da pesquisa de Helena Rocha (2018).

Imagem 1 - Feminicídios em Teresina segundo o vínculo afetivo, 2022.



Recomendações:

- Ampliar a divulgação dos serviços da Rede de Atendimento especializado à mulheres em situação de violência, bem como os canais para denunciar violência institucional;
- Realizar momentos educativos de desconstrução do machismo –racismo-sexismo, dos tipos de violência de gênero e do risco à vida das mulheres ocasionados pela violência, de maneira descentralizada, principalmente nas regiões com maior índice de violência contra mulheres;
- Produzir cartilhas e outros materiais educativos de prevenção ao feminicídio que abranja a violência contra mulheres negras, travestis e mulheres trans;
- Ampliar o investimento orçamentário e de recursos humanos no enfrentamento à violência;
- Intensificar o suporte institucional e acompanhamento de mulheres no momento anterior e durante o término de relacionamento;
- Aprimorar estratégias de avaliação de risco contínuas no acompanhamento das mulheres em situação de violência;
- Melhorar as ações de prevenção, atendimento qualificado e de proteção a travestis e mulheres trans que estão em situação de violência doméstica e familiar;
- Ampliar a realização de rodas de conversa com homens sobre masculinidades e relacionamentos afetivos;
- Ampliar e fortalecer a cobertura das Medidas Protetivas de Urgência, da Patrulha Maria da Penha e da Guarda Maria da Penha;
- Articular ações intersetoriais de acompanhamento às famílias das mulheres que sofreram feminicídio.

Indicadores para a estruturação de estratégias de proteção:

1. Percepção das mulheres de que a violência implica em risco de morte;
2. Percepção das mulheres de quando iniciou a violência;
3. Tempo de relacionamento com o autor;
4. Frequência dos episódios de violência;
5. Existência de filhos, na condição de testemunhas da violência ou também de a sofrerem diretamente.

Feminicídios, 2022 – Síntese comparativa

Quadro 1 – Feminicídios segundo o perfil das mulheres e a abrangência territorial, 2022.

INDICADOR	BRASIL	PIAUÍ	TERESINA	OBSERVAÇÕES
RAÇA/ETNIA	Negras (61,2%)	Negras (95,2%)	Negras (100%)	Feminicídio predominantemente contra mulheres negras, principalmente quando se desloca do macro (Brasil) para o micro (Teresina).
FAIXA ETÁRIA	Isolada: 18 a 24 anos (16,20%) Acumulada: 18 a 44 anos (72%)	Isolada: 30 a 34 anos (20,8%) Acumulada: 18 a 44 anos (70,8%)	Isolada: 40 a 49 anos (40%) Acumulada: 25 a 44 anos (60%)	Quando sai do macro para o micro, há mudanças etárias. Nacionalmente, são mulheres mais jovens. À nível estadual e municipal predomina mulheres mais adultas.
RAÇA/ETNIA E FAIXA ETÁRIA	Negras de 18 a 24 anos (17,8%) Brancas de 40 a 44 anos (14,3%)	Negras principalmente de 30 a 34 anos (25%) Brancas somente de 12 a 17 anos (100%)	Todos foram contra mulheres pardas, com mais casos de 40-49 anos (40%)	Brasil: negras jovens; Piauí: brancas jovens, negras adultas; Teresina: negras adultas.

Autoria própria, baseado nos dados da GACE-SSPPI e do Painel Violência contra mulher do FBSP.

Nota do FBSP para os dados nacionais: foram desconsiderados os casos em que a informação não estava preenchida. Na média nacional, o percentual de casos não informados foi de 1,6% para a variável da faixa etária e de 18,9% para a variável raça/cor.

Feminicídios, 2022 – Síntese comparativa

Quadro 2 – Feminicídios segundo características da ocorrência e a abrangência territorial, 2022.

INDICADOR	BRASIL	PIAUÍ	TERESINA	OBSERVAÇÕES
INSTRUMENTO EMPREGADO	Arma branca (49,9%) Arma de fogo (26,3%) Agressão (10,4%)	Arma branca (50%) Arma de fogo (37,5%) Agressão (8,3%)	Arma branca (20%) Arma de fogo (40%) Agressão (40%)	Semelhanças entre Brasil e Piauí, com maior frequência do uso de arma branca. Em comparação aos outros territórios, Teresina teve menor uso de arma branca e maior uso de arma de fogo e de agressão.
TIPO DE LOCAL	Residência (69%) Via pública (15,2%)	Residência (66,7%) Via pública (25%)	Residência (60%) Via pública (40%)	Similaridades entre as abrangências territoriais, predominando a residência. Teresina teve uma proporção maior de casos em via pública o cenário nacional e estadual.
VÍNCULO COM O AUTOR DA VIOLÊNCIA	Companheiro (53,6%) Ex-companheiro (19,4%)	Companheiro (65,2%) Ex-companheiro (30,4%)	Companheiro (40%) Ex-companheiro/ex-namorado (60%)	Predominância de feminicídio íntimo. À nível nacional e estadual foram principalmente os companheiros. Em Teresina, predominou o ex-companheiro/ex-namorado.

Autoria própria, baseado nos dados da GACE-SSPPI e do Painel Violência contra mulher do FBSP.

Nota do FBSP para os dados nacionais: foram desconsiderados os casos em que a informação não estava preenchida. Na média nacional, o percentual de casos não informados foi de 44,4% para a variável de instrumento empregado; de 41,6% para a variável do tipo de local; e de 79,9% para a relação entre o autor da violência e a mulher.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Lei nº 13.104 de 9 de março de 2015**. Prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm

____. **Lei 14.717 de 31 de outubro de 2023**. Institui pensão especial aos filhos e dependentes crianças ou adolescentes, órfãos em razão do crime de feminicídio. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14717.htm

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: FBSP, 2023a. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>

____. **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. 2023b. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf>

Morgado, Rosana. Separação: riscos e feminicídio. IN: CRUZ, Rosemere Maia e Verônica. **Saberes plurais: produção acadêmica em sociedade, cultura e serviço social**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, 2020. Disponível em: <http://www.editora.ufrj.br/DynamicItems/livrosabertos-1/CCNC-digital-v6.pdf>

Nascimento, Letícia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

ONUWOMEN. **Gender-related killings of women and girls (femicide/feminicide)**. 2022. Disponível em: https://reliefweb.int/report/world/gender-related-killings-women-and-girls-femicidefeminicide-enarruzh?gad_source=1&gclid=CjwKCAiAx_GqBhBQEiwAIDNAZhTfKWjTgILEjgezxrPNls1KWbInNBa68eEagef5hj-fGvJyZCMcWxoCjL8QAvD_BwE

Rocha, Helena de Souza. **Fatores de risco de feminicídio íntimo**. Dissertação. Universidade Tuiuti do Paraná. Mestrado em Psicologia Forense. Curitiba, 2018. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/bitstream/tede/1608/2/FATORES%20DE%20RISCO.pdf>

Ficha técnica

Prefeito de Teresina

José Pessoa Leal

Secretária Municipal de Políticas Públicas para Mulheres

Karla Rodrigues Berger Marinho

Realização da pesquisa

Observatório Mulher Teresina - Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos

Gerência de Análise Criminal e Estatística - Secretaria de Segurança Pública do Estado do Piauí

João Marcelo Brasileiro de Aguiar

Patrícia Lima de Medeiros

Produção Técnica e diagramação

Suzianne Jackeline Gomes dos Santos

Assessora de Comunicação

Vitória Pilar

Designer

Maria Maciel

Teresina-Piauí, novembro de 2023.

3º BoletimOMT

Realização:



 smpm.observatorio@gmail.com

 smpm.gabinete@gmail.com

 [@smpmteresina](https://www.instagram.com/smpmteresina)

Parceria:

SECRETARIA
DA **SEGURANÇA PÚBLICA**
SSP-PI

